

O índio, seu universo e a sociedade brasileira

LUCKY OLIVEIRA
Correspondente

Cuiabá - Qual o papel do índio dentro do contexto da sociedade brasileira? Esta pergunta vem desafiando há muito tempo as mais diversas expressões dos segmentos sociais brasileiros e, principalmente, aqueles que trabalham diretamente com comunidades indígenas. Na verdade, o índio sempre foi visto pela sociedade nacional como um ser inferior, de vivência "estranha" aos hábitos dos homens brancos e por isso mesmo considerado na maioria das vezes como "objeto museológico".

Entretanto, não é assim na realidade. Muito pelo contrário. O que existe é a diferente maneira de encarar e compreender a realidade, mais fiel possível, da vivência humana. Enquanto o índio busca viver com harmonia e sobretudo com respeito à natureza, com atividades suficientes para garantir-lhes a sobrevivência, o homem branco procura explorar, dentro da filosofia positivista (ordem e progresso, integração nacional, etc.) que impera nos meios oficiais, todos os recursos dessa natureza, provocando verdadeiros desastres na fauna e flora e o pior de tudo: colocando, por conseguinte, a sua própria sobrevivência no planeta em risco.

É um índio "civilizado" que tenta mostrar um pouco o que é a problemática indígena, principalmente do ponto de vista em que ela é encarada pelos brancos. Trata-se de Daniel Matheo Cabixi, um índio do grupo parezi, 30 anos, casado, pai de três filhos, dois meninos e uma menina. Ele, que desde os dois anos foi educado no internato de jesuítas em Utiariti, no norte do Estado, conseguiu através disso e dos constantes contatos com a chamada "civilização", entender a visão que o branco tem da vida. Nos encontros, seminários e conferências inúmeras de que tem participado ao longo dos últimos anos, Daniel procura, com muita simplicidade e sobretudo sabedoria, transmitir o seu pensamento que fundamentalmente visa buscar uma convivência pacífica entre os diversos povos. Até o final do ano, o Centro de Documentação da Terra e Índio (CTDI), criado há cerca de dois anos e da qual Daniel agora é membro, irá publicar dois textos básicos dele, um sobre educação e outro sobre o aspecto econômico. São reflexões que esse índio, em seu recanto na aldeia parezi, faz diuturnamente e que agora procura deixar no papel, "para que os outros possam entender o modo de vida do índio".

É foi numa de suas passagens por Cuiabá que ele falou com exclusividade ao **CORREIO BRAZILIENSE**, enfocando essencialmente a questão educacional e alguns dos problemas que as comunidades indígenas enfrentam no âmbito das idéias.

Com a palavra, Daniel Cabixi: "Não foi o governo e nem o civilizado que criou a terra, as plantas, os animais. Como ele pode dizer que isso é de fulano ou sicrano?"

"O índio precisa da terra, primeiramente. A diferença de princípios de vida entre a sociedade do Estado e a indígena é muito grande e a segunda não é compreendida pela primeira. O índio precisa de respeito, consideração e essa obrigação é mais da sociedade nacional do que da comunidade indígena. Hoje o índio é um resto; a sua população é sobra de todo um processo de exploração, perseguição e opressão. A cabeça do índio está impregnada da idéia de opressão. A própria consciência estimula essa marginalização e a gente sente isso na discriminação racial, no desprezo, no ódio que o branco tem d'agente.

"Sendo o índio um tipo de povo sem domínio das diferentes tecnologias, sem domínio da escrita, sem conhecimento de uma economia forte como a capitalista, cabe ao governo, como representante dos anseios dos povos, levar essa assistência para que nós possamos sobreviver nesse mundo de hoje.

"Há muitas idéias. Enquanto há propostas para respeitar os índios (ele se refere ao trabalho voluntário de missionários jesuítas e leigos comprometidos com a questão indígena e que vivem pela causa), aprender com esse índio, há outras para aniquilar com ele. A confrontação desses fatores são barreiras para a sobrevivência dele.

"A declaração mais comum que a gente houve no meio dos índios é a seguinte: não foi o governo que criou a terra; não foi o civilizado que criou as aves, os animais ou as plantas. Então como ele se arvora no direito de dizer que essa terra e os seres vivos que nela habitam são de fulano ou sicrano? Isso o índio não consegue entender porque



Daniel e seu filho: compreendendo o mundo

ele não conhece o complexo capitalista, do direito da propriedade privada, dos lucros.

"A natureza do índio tem uma economia de subsistência. Ideologicamente ele é dominado pela idéia de produção e consumo. E como a vivência do índio sempre foi mal vista, então aquela concepção de valores se dilui na imposição dessas ideologias dominantes, porque eles - os brancos - não consideram os valores e princípios humanos que reinam na comunidade indígena, que vive um tipo de situação material inferior à sociedade nacional. Essa sociedade vê pela ótica do dominador.

"Os valores humanos que o índio vive e pratica não conseguem ser vistos por muitos porque a ótica do civilizado é diferente. Ele não pergunta para o índio. Ele só se interessa pelo exótico, isto é, como o índio come, que tipo de alimentos e se bem ou mal cozidos, assado ou cru, sujo ou limpo. E não é isso que vai determinar uma existência de vida. O que importa para o índio é a satisfação da necessidade de todos. O índio sempre foi visto como um animal exótico. E isso impele que as pessoas conheçam o lado humano do índio, a sua filosofia de vida.

"Nossos mundos são totalmente diferentes. Os conceitos se diferem. Diz-se que o branco é civilizado porque ele fala português, anda vestido e vive em cidade. Ora, nós temos a nossa linguagem e o nosso modo de vida e podemos perfeitamente afirmar que o selvagem é o branco, que invade o seu território, toma-lhe a terra, acaba com tudo. Nós não invadimos as cidades e nem usurpamos nada do branco. Somos obrigado a aprender o português, vestir, etc., justamente para tentar compreender o modo estranho de vida do branco, onde cada um é por si, onde um irmão vê o outro morrer de fome e não lhes dá o que comer. Isso o índio não consegue entender porque ele aprendeu a conviver em paz com a natureza e essencialmente respeitar seu irmão, comer junto com ele, caçar, fazer roça e dançar junto com ele.

"Tenho vontade de fazê-los compreender o meu mundo, assim como cheguei a compreender o mundo deles".

"Nas minhas viagens por este Brasil fora foi comum ouvir termos pejorativos com respeito a pessoa do índio. Termos tais como índio bravo, índio traiçoeiro, índio bicho nojentão, etc... Constatei também que quando o índio passa a ter convivência mais direta com a sociedade envolvente e não se ajustando a esta sociedade passa a ser taxado de índio pingüço, índio bagunceiro, índio vagabundo, índio preguiçoso, etc. De tudo isso pude deduzir duas coisas: no primeiro plano, cria-se a imagem do índio como ser inferior, sem cultura, de estranhos costumes. No segundo plano, criam-se atitudes de repulsa, desconfiança e desprezo pelo índio.

"Se formos analisar os fatos históricos, desde o descobrimento do Brasil, constatamos que a imagem criada sobre o índio, como também o desprezo pelo índio, obedeceram e obedecem a uma ideologia colonialista e de dominação que joga com a narração dos fatos históricos segundo seus interesses, para perpetuar circunstâncias tais como eles apresentam, deturpando a autenticidade histórica. Tanto assim é que na ocupação do atual território nacional houve sucessivas guerras aos índios, guerras de extermínio e massacres justificadas pelas chamadas "guerras justas", "entradas" e "bandeiras". Auxiliaram na destruição dos povos indígenas as doenças e epidemias nunca dantes conhecidas pelos índios. A

espoliação e roubo das terras indígenas se processaram sob o pretexto de sermos "quistos sociais e improdutivos", que em nada colaboramos para a grandeza do país. Isto é uma acusação tão antiga como atual. Além disso tudo, o índio não rende votos, não tem influência política e não possui poder aquisitivo.

"Nesse jogo de forças, nesse mundo louco de corre-corre, de competições individualistas e injustas, não há lugar para povos indígenas. Dizem: "o índio está condenado a desaparecer". Sim, o índio estará sujeito a desaparecer como grupos étnicos, não por causa dos rumos históricos que parecem pré-determinados, pois assim acreditam muitos fanáticos ávidos ao desaparecimento do povo índio - mas por causa de uma sociedade que não tolera a existência de outras sociedades que têm condições de lhes apresentar meios alternativos para harmonia, justiça e vivência humana.

"É comum encontrar pessoas que vêm o índio como um ser alienígena. Vi muitas pessoas postarem-se diante de mim, um índio, e ficarem horas e horas a olhar-me. Além de me lançarem uma série de perguntas, entre elas, se não existe mais índio bravo. Penso comigo: o que estão eles pensando? Esforço-me para penetrar em seus pensamentos. Afinal, um descendente de índios selvagens, descendente de seres mitológicos, índios, está postado diante deles de calças, camisa e sapatos. Nesse momento a imaginação desse povo voa pelo mundo da fantasia. Como será que vivem? O que comem? Será que eles pensam igual a nós? Será descendente de comedores de gente? Terá ele provado carne humana? Tem ele algum sentimento de amor e compaixão? Enfim, percebo que as interpretações e comparações são as mais absurdas possíveis. E as comparações que nos fazem não passam de categoria dos animais exóticos que habitam a selva. Tenho vontade de fazê-los compreender o meu mundo, assim como cheguei a compreender o deles. Gostaria de dizer-lhes que faço parte de uma sociedade que possui normas de vivência harmônica entre homens e natureza. Gostaria de dizer-lhes que possuímos nossos valores sociais, políticos, econômicos, culturais e religiosos que adquirimos através dos tempos, de geração em geração. Gostaria de dizer-lhes que formamos um mundo equilibrado e justo de relações humanas. Dizem que como humanos, somos sujeitos a falhas e erros. Dizer-lhes que nossos sentimentos mais íntimos são exteriorizados através da arte, da língua, da nossa religião, das festas acompanhadas de ritos e cerimoniais. Dizer-lhes que conseguimos chegar num equilibrado mundo prenhe de valores e que transmitimos aos nossos filhos, que em outras palavras mais compreensíveis, é sinônimo de educação. Gostaria de dizer-lhes também, que tudo isso vem sendo deturpado, desrespeitado e destruído. Dizer-lhes que estamos despertando para uma nova realidade. Estamos percebendo que todas as tentativas estão sendo feitas para acabar com nossos princípios já constituídos. Dizer-lhes que um dos nossos objetivos fundamentais é levar às nossas comunidades o conhecimento desta realidade nova que nos rodeia. Do interesse em perpetuar nossos valores morais e culturais. Dizer-lhes que estamos prontos para receber o que de útil a sociedade deles nos oferecer e rechaçar o que de ruim ela nos apresentar. Mas a corrente etnocêntrica não permite esse diálogo franco e sincero.